

Entrevista com Sabina Loriga: a biografia como problema*

Interview with Sabina Loriga: the biography as a problem

Adriana Barreto de Souza

adrianaabarreto@gmail.com

Professora adjunta

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Campus de Seropédica – BR 465 (Antiga Rio-São Paulo) – Km 7

23890-000 – Seropédica – RJ

Brasil

Fábio Henrique Lopes

lopesfh@yahoo.com

Professor adjunto

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Campus de Seropédica – BR 465 (Antiga Rio-São Paulo) – Km 7

23890-000 - Seropédica – RJ

Brasil

Palavras-chave

Biografia; História; Historiografia.

Keywords

Biography; History; Historiography.

26

Já conhecida no Brasil, com destacada produção bibliográfica, Sabina Loriga é diretora de estudos na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (EHESS-Paris) e responsável pelo *Atelier international de recherches sur les usages publics du passé*. Atualmente, dirige com Jacques Revel um programa de investigação sobre a *Linguistic turn*. Além disso, ela e outros pesquisadores ministram o seminário “Tempo, memórias e história” na EHESS.

Sabina Loriga é orientadora de vários temas de pesquisa, isto é, acerca das relações entre a história e a biografia, a história e a memória, o uso público do passado e a construção do tempo histórico. Parte de seus estudos foi traduzida para outros idiomas – alemão, inglês, italiano e português. Da sua produção recente, destacamos o livro *Le Petit x: de la biographie à l’histoire* (LORIGA 2010a), que foi traduzido em português com o título *O pequeno x: da biografia à história*. O livro integra a coleção “História e historiografia”, da editora Autêntica (LORIGA 2011).

Enviado em: 11/6/2012

Aprovado em: 16/7/2012

* A entrevista foi traduzida do francês por Clinio de Oliveira Amaral (UFRRJ) e por Ana Carolina Almeida (UFF). As notas são de Rebeca Gontijo (UFRRJ) e Maria da Glória de Oliveira (UFRRJ).

O leitor poderá encontrar outras publicações em português, como, por exemplo: "A tarefa do historiador", capítulo do livro *Memórias e narrativas (auto)biográficas* (LORIGA 2009), e "A imagem do historiador, entre erudição e impostura", um artigo da coletânea *Imagens na história: objetos de história cultural* (LORIGA 2008). Nesse pequeno repertório bibliográfico, não poderíamos esquecer o texto "A biografia como problema", que integra o aclamado *Jogos de escalas*, organizado por Jacques Revel (REVEL 1998; LORIGA 1998). Além disso, sugerimos outras importantes contribuições da autora para a reflexão sobre o ofício do historiador: "Ser historiador hoje", publicado pela revista *História: debates e tendências* (LORIGA 2003a), e, nesse mesmo ano, a entrevista realizada por Benito Schmidt para a revista *Métis: história e cultura* (LORIGA 2003b). Finalmente, lembramos o seu primeiro artigo traduzido em português, ainda vinculado ao tema de sua tese de doutorado: "A experiência militar", que faz parte da coleção *História dos jovens*, organizada por Giovanni Levi e Jean-Claude Schmitt (LEVI; SCHMITT 1996; LORIGA 1996a).

Sabina Loriga é uma historiadora muito atenta ao estado atual do debate historiográfico. Assim, tem se dedicado a investigar os desafios e os limites do trabalho historiográfico e as tarefas da história nos aspectos teóricos e epistemológicos. A entrevista que segue, realizada no dia 7 de outubro de 2011, em Copacabana, no Rio de Janeiro, procura destacar esses desafios, mas ela o faz retornando, de modo especial, aos problemas da biografia.

1. *Adriana Barreto de Souza: A senhora acaba de publicar, aqui mesmo, no Brasil, o seu livro: O pequeno x: da biografia à história (LORIGA 2011). O que significa o pequeno x?*

27

Sabina Loriga: Na realidade, o título é um pouco enigmático. O pequeno x indica a contribuição individual para o desenvolvimento histórico, desenvolvimento não no sentido de uma melhora, mas de uma realização histórica. A expressão é do grande historiador alemão Johann Gustav Droysen que, em 1863, escreve que se chamarmos de A o gênio individual, a saber, tudo o que um homem é, possui e faz, então, esse A é formado por A + X, em que A contém tudo aquilo que lhe vem – circunstâncias externas do seu país, do seu povo, da sua época etc – e em que X representa a sua contribuição pessoal, a obra do seu livre arbítrio. Ele dá o exemplo de Rafael: as cores, o pincel, a tela que ele utilizava eram feitos de materiais que não tinham sido criados por ele. Também foi educado segundo a tradição da Igreja, porém ele acrescentou algo de pessoal nessa tradição. Em seguida, Droysen lembra que, mesmo se as estatísticas indicarem que, em um determinado país, nascem numerosas crianças ilegítimas, seria difícil que uma só mãe se consolasse com a ideia de que a lei estatística "explica" seu caso. Ora, embora infinitamente pequeno, o x é fundamental, porque é o responsável por dar à história seu movimento.

2. ABS: Como a senhora concebeu a ideia desse livro?

Sabina Loriga: A ideia do livro nasceu de uma experiência de pesquisa precedente, isto é, do meu livro sobre o Exército no século XVIII, no qual procurara reconstruir uma instituição a partir de diferentes experiências individuais. Na época, havia empregado a metáfora do Rashomon. Trata-se de um texto japonês, escrito por Ryûnosuke Akutagawa, que, em seguida, foi transformado em filme por Akira Kurosawa, no qual o mesmo delito é narrado de maneira diferente pelos quatro personagens (o bandido, a mulher, o samurai e o lenhador).¹ A ideia, desde então, foi, frequentemente, usada pela historiografia pós-moderna para enfatizar a dimensão retórica da escrita histórica, até defini-la como um gênero particular da ficção narrativa que, como tal, não seria suscetível de verificação. Não era essa a minha intenção. Simplesmente, desejava evidenciar a pluralidade das significações profundas do processo de institucionalização. Eu saí dessa investigação com uma série de satisfações, mas também com algumas insatisfações concernentes à abordagem biográfica. Particularmente, minhas dúvidas diziam respeito às duas utopias que marcaram a redescoberta da biografia nas últimas décadas. A primeira utopia, a da representatividade biográfica, promete descobrir um ponto que contém todas as características do conjunto. Nessa perspectiva, o historiador, de modo ideal, deveria trabalhar em dois tempos. Em primeiro lugar, identificar o indivíduo representativo (o camponês normal, a mulher normal etc.) e, em seguida, estender, segundo um processo indutivo, suas características a uma categoria inteira (a classe camponesa, o gênero feminino e assim por diante). Trata-se de uma opção importante, a qual visa a integrar o estudo biográfico a uma perspectiva pautada na generalização, que se traduz, todavia, em uma busca de experiências medianas: o historiador escolhe os traços mais comuns de uma história de vida (mais exatamente, aqueles que ele considera como os mais comuns), negligenciando os mais pessoais. A segunda utopia é a naturalista. Essa perspectiva não promete encontrar uma síntese ou uma espécie de espelho resumido do conjunto histórico, logo não aniquila a variedade do passado, porém vive a ilusão de poder apreender uma época ou uma civilização, reconstituindo seus elementos *um por um*, de chegar a esgotar o trabalho prosopográfico e de elaborar categorias interpretativas plenamente aderentes à realidade empírica. Trata-se da ideia do conhecimento como cópia integral da realidade. Também foram essas demandas utópicas, vivenciadas na ocasião da pesquisa sobre o exército do século XVIII, que me sugeriram lançar um olhar para trás, sobre a época que precede o divórcio entre a história social e a história política. De muitas maneiras, com meu livro, proponho fazer uma incursão na tradição. Não se trata de uma recomendação. Não atribuo aos nossos antecessores uma autoridade indiscutível, bem como não pretendo negligenciar a importância das inovações ou das experiências historiográficas realizadas no

¹ O filme *Rashomon*, dirigido por Akira Kurosawa que também fez a adaptação do texto para transformá-lo em roteiro, foi lançado em 1950 no Japão.

curso das últimas décadas. No entanto, acredito que uma relação mais profunda com a tradição só pode enriquecer nossas possibilidades de experimentação.

3. ABS: A senhora identifica, no final do século XVIII, a emergência de um movimento de "desertificação do passado" que atravessou as mais diversas disciplinas – da demografia à psicologia, passando pela história e pela política. A senhora poderia desenvolver esse raciocínio?

Sabina Loriga: A fronteira que separa a história da biografia foi sempre bastante contrastada, e nós podemos encontrar, em todas as épocas, historiadores que esperaram uma separação definitiva entre elas. Mas, na realidade, o fosso entre os dois gêneros se aprofundou, sobretudo, ao longo do século XIX, quando o pensamento histórico atinge seu apogeu. Eu gostaria de sublinhar dois momentos-chave que encorajaram uma separação definitiva. O primeiro remonta ao fim do século XVIII e ao início do século XIX e está ligado, sobretudo, ao sucesso e ao impacto da história filosófica, enquanto que o segundo momento, que foi desencadeado nas últimas décadas do século XIX pelos historiadores, atinge o seio da história e coincide com o divórcio entre a história social e a história política. Nessa época, alguns historiadores desejaram abandonar as vestes da reflexão moral para endossar aquelas, mais novas e mais brilhantes, das ciências sociais, modeladas no exemplo das ciências da natureza. Na tentativa de aplicar o princípio da causalidade aos fenômenos sociais, sacrificaram tudo aquilo que é singular ou único: os indivíduos não são pensados como seres particulares, dotados de um caráter singular, distinto, nem mesmo como seres capazes de agir sobre o curso da história, mas como exemplares equivalentes entre si, submissos apenas à dominação do grupo (classe, nação etc). Eu acrescentaria – a propósito do seminário de ontem² – que a desertificação do passado implicava, ainda, a ideia de que o historiador deveria apagar a sua própria subjetividade. Houve, então, uma dupla despersonalização: a do passado e a do historiador, que pode falar como especialista, como perito, nunca como autor. Felizmente, também houve várias resistências a esse processo de despersonalização. Foi por essa razão que me pareceu importante voltar a alguns autores, os quais, durante o século XIX, se esforçaram para salvaguardar a dimensão individual da história. Os autores que eu estudei durante muito tempo são: historiadores (além de Thomas Carlyle, principalmente autores alemães, de Wilhelm von Humboldt a Friedrich Meinecke), um historiador da arte (Jakob Burckhardt), um filósofo (Wilhelm Dilthey) e um escritor (Léon Tolstoï).³ Na realidade, a definição disciplinar aparece bem pobre, porque se trata, na maior parte dos casos, de *peças únicas*, que não se constituem nem como uma

² Sabina Loriga refere-se à conferência que ministrou na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, em Seropédica, no dia 6 de outubro de 2011, intitulada "Le moi de l'historien", também proferida no dia 10 de outubro do mesmo ano, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

³ Trata-se do artigo inédito de Sabina Loriga, "O eu do historiador", com versões em francês e em português que serão incluídas na seção livre do número 10 da revista *História da Historiografia*, a ser lançado em dezembro de 2012.

escola, nem como parte de uma corrente [historiográfica]. Não há continuidade ou coerência entre eles, porém partilham, pelo menos, de duas convicções. Acreditam, antes de tudo, que o mundo histórico é criativo, produtivo, e que essa qualidade não se apoia sobre um princípio absoluto, transcendente ou imanente à ação humana, mas que ela procede da ação recíproca dos indivíduos. Consequentemente, não apresentam a sociedade como uma totalidade social independente (um "sistema" ou uma "estrutura" impessoal superior aos indivíduos e que os domina), mas como uma obra comum. Nós poderíamos falar de interação, mas quero precisar que, para esses autores, a interação não é formada somente por esses mortais de carne e osso – parentes, vizinhos próximos, colegas de trabalho –, aquilo que o jargão sociológico denomina o *outro situacional* e que, hoje, está muito presente nos comentários sobre a *network analysis*. Ela se alimenta, igualmente, de figuras ideais, até mesmo imaginárias, como são Prometeu, Antígona, Hamlet, Fausto e Sancho Pança, Tartufo ou M. Pickwick; bem como de figuras históricas: Lutero, Frederico, o Grande ou Goethe.

4. ABS: A senhora poderia falar de Carlyle? Sua ideia de grandes homens é, geralmente, muito criticada pela historiografia. No entanto, em seu livro, o herói de Carlyle aparece, em alguns aspectos, impregnado de inquietação epistemológica. Qual reflexão nós poderíamos ter acerca de suas inquietações?

30

Sabina Loriga: Trata-se de uma questão muito importante. Carlyle foi um homem e um autor bastante antipático. O culto aos heróis antecipa, sem dúvida alguma, certas ideias fascistas: o receio da desordem, a exaltação das massas (incapazes de pensar, mas dotadas de bons instintos...), a aversão em relação à democracia, a confusão entre o direito e a força, a necessidade de um verdadeiro soberano à altura de defender os fracos. No entanto, não creio que tais ideias possam esclarecer toda a reflexão de Carlyle. Parece-me, de preferência, que o culto aos heróis é também a expressão de uma inquietude epistemológica que me parece atravessar toda a história biográfica. Aliás, essa foi a razão pela qual eu comecei a minha reflexão com ele. É como se tivéssemos que lidar com um doente ultrassensível, que, em um determinado momento, sem forças, engana-se de medicamento, mas que tem a coragem, antes do gesto fatal, de se colocar certas questões fundamentais. Poderíamos dizer que o "corpo" de seu texto faz refletir.

5. Fábio Henrique Lopes: Nós sabemos que foi no curso dos séculos XIX e XX que a biografia foi condenada e mesmo considerada marginal, porque privilegiava o individual em vez do coletivo. Em sua opinião, como atualmente o debate historiográfico pode resolver essa questão? De outro lado, podemos continuar a evidenciar a oposição existente entre "o indivíduo" e "o coletivo", depois entre "os fatos de repetições, as regularidades" e "o impessoal, o único" uma vez que nos voltamos para a pesquisa, a reflexão e a narrativa biográficas?

Sabina Loriga: Eu começo pelo fim de sua questão. Parece-me que, na reflexão do século XIX, há entendimentos capazes de nos ajudar a ultrapassar o pensamento dicotômico (a expressão é de Norbert Elias), opondo o indivíduo à sociedade. No decorrer do século XX, o contraste entre o individual e o social, frequentemente, foi fixado, mumificado, em duas não verdades opostas: uma escolha deve ser feita em favor seja do indivíduo, seja do coletivo. Em contrapartida, na reflexão precedente, eu cruzei com figuras complexas, ambivalentes e sensíveis – tais como o *eu que aspira ao tu*, de Humboldt, a *pessoa ética*, de Droysen, o *homem patológico*, de Burckhardt; cada uma, à sua maneira, preserva-nos de uma visão individualista do indivíduo –, e da biografia. Porém, esqueci, talvez, a primeira parte de sua questão...

6. FHL: *Nós sabemos que foi no curso dos séculos XIX e XX que a biografia foi condenada e mesmo considerada marginal, porque privilegiava o individual em vez do coletivo. Em sua opinião, como atualmente o debate historiográfico pode resolver essa questão?*

Sabina Loriga: Eu não estou certa de que possamos resolver essa questão, mas é necessário começar a refletir sobre ela. Iniciei uma reflexão acerca das razões que conduziram à despersonalização da história e à desertificação do passado. Pessoalmente, trabalhei sobre o contexto intelectual, mas penso que deveríamos nos interrogar mais sobre as razões sociais e políticas que produziram essa despersonalização. Em meu livro, sugiro que ela tem a ver com transformações políticas importantes, como o impacto do bonapartismo ou a afirmação política das massas, mas são somente sugestões. Trata-se de uma verdadeira lacuna que será, espero, em breve, preenchida por outras pesquisas.

7. FHL: *A biografia, ou a narrativa biográfica, pode favorecer ou contribuir para a diluição das fronteiras incertas e conflituosas entre a história e a literatura? Entre a escrita da história e a escrita ficcional?*

Sabina Loriga: Não sei. Na verdade, tenho dificuldades em pensar em termos de “gênero” biográfico. Essa é uma das razões pelas quais eu intitulei o primeiro capítulo do meu livro de “O limiar biográfico” (LORIGA 2011). Quando exploramos a fronteira que separa a biografia da literatura e da história, descobrimos que ela é fluida e instável e que se desloca no tempo. Então, é necessário historicizar a questão do gênero. A biografia não é a mesma coisa no século XVIII, no fim do XIX e na década de 1920. Parece-me difícil e perigoso generalizar através da categoria de gênero. Por outro lado, é uma das críticas que eu posso fazer ao texto de Bourdieu sobre a ilusão biográfica (BOURDIEU 1996). Ele sugere a existência de apenas uma forma de escrita biográfica, embora haja várias. Por exemplo, inúmeras biografias privilegiaram uma narração cronológica seguindo as escansões biológicas da existência: o nascimento, a formação, a carreira, a maturidade, o declínio e a morte. Mas isso não implica que a biografia deva,

necessariamente, apoiar-se em uma trama cronológica. Basta pensar em Plutarco, que enfatiza mais o caráter e as qualidades morais da personagem do que a sua vida. No início do século XX, o grande biógrafo Lytton Strachey prefere uma narração sintomática, apoiando-se, essencialmente, nos momentos-chave (as conversões, os traumas, as crises econômicas, as separações afetivas). Não existe nenhuma regra formal nesse domínio, nem mesmo no que diz respeito às características individuais. Inúmeros biógrafos exaltam-nas, mas alguns as minoram em proveito das semelhanças, na esperança de representar um tipo médio, ordinário (no domínio da biografia literária, tal é o caso de Giuseppe Pontiggia que corrige as individualidades, colocando-as até mesmo em séries). Eu quero dizer que uma resposta fundamentada sobre as disciplinas ou os gêneros (história, literatura e biografia) parece-me insuficiente. Talvez, seria conveniente uma maior reflexão acerca das trocas, das transferências existentes entre essas disciplinas e esses gêneros.

8. *FHL: Há fontes particulares, específicas ou apropriadas para a pesquisa biográfica?*

Sabina Loriga: Certamente. Há documentos biográficos clássicos, que chamamos de *ego-documentos*, tais como os diários, as memórias autobiográficas, as correspondências. Contudo, há também fontes que não foram consideradas como documentos biográficos que podem ser muito ricas do ponto de vista biográfico – por exemplo, os processos e as fontes judiciárias. Basta pensar em Carlo Ginzburg, que utilizou a documentação inquisitorial para compreender a maneira de pensar de um moleiro friulano do século XVI (GINZBURG 1980) ou em *O retorno de Martin Guerre*, de Natalie Zemon Davis (DAVIS 1983).

9. *ABS: Eu pensei, agora, em seu doutorado. A senhora poderia desenvolver as relações entre seus estudos sobre a biografia e a noção de experiência militar que utilizou em sua tese?*

Sabina Loriga: Sim, sem dúvida alguma, a ideia de experiência teve um papel fundamental nas minhas pesquisas. Eu sou bastante infiel em relação aos temas de pesquisa, no entanto, há uma forte continuidade no que diz respeito às interrogações. Por isso, creio que existam muitos temas e questões que perpassam o livro sobre o exército e este sobre a biografia e a história. Em particular, duas questões são retomadas neste livro. De um lado, a da dependência: em *Soldats* (LORIGA 2007), havia desenvolvido a ideia de “fórmulas de dependência”, com base na obra de Norbert Elias, para sublinhar a necessidade de compreender as razões pelas quais os indivíduos tinham necessidade e dependiam da instituição militar. Em *O pequeno x* (LORIGA 2011), eu me apoiei na reflexão de Humboldt, Dilthey ou Otto Hintze para evidenciar as ligações existentes entre a dependência e a autonomia pessoal. Uma outra continuidade diz respeito ao tema da experiência: no primeiro livro, tratava-se da experiência militar, no segundo, trata-se simplesmente da ideia de experiência histórica.

10. *FHL: Em sua opinião, a biografia é, necessariamente, uma forma de escrita e de explicação histórica?*

Sabia Loriga: Na verdade, tenho problemas para responder esta questão, pois nunca escrevi uma biografia e, talvez, não escreva. Devo dizer que eu estou mais interessada na história biográfica do que na biografia. Nos últimos anos, houve uma redescoberta importante da biografia. É um fenômeno positivo, mas penso que existe um perigo. Ele reside em pensar que a biografia pode ser uma solução para a história. Não acredito absolutamente nisso, ou seja, não procuro, na biografia, uma resposta para a história. Na introdução do meu livro, digo que, se tivesse que resumir, em poucas palavras, o que fiz no curso dos últimos anos, poderia dizer, talvez, que recolhi pensamentos para povoar o passado. Minha questão de fundo dizia respeito às maneiras de restituir a pluralidade do passado. É somente povoando-o, restituindo-lhe suas diferentes vozes que nós podemos cultivar a dimensão ética da história. Eu falo de ética, não de moral. Não estou interessada em fazer julgamentos morais. Parece-me importante perceber as angústias e as incertezas da escolha. É o lado dramático da história – o “drama da liberdade”. É uma dimensão que me interessa enormemente e parece-me que a dimensão biográfica pode ajudar a introduzir essa tensão dramática.

11. *ABS: Em seu livro, a senhora sublinha como o perigo do relativismo – em geral, associado à historiografia dita pós-moderna, de inspiração nietzschiana – é, igualmente, inerente a uma leitura impessoal da história que pretende descrever a realidade através das relações de poder anônimas. A senhora poderia desenvolver essa ideia?*

Sabina Loriga: Hoje, nós somos muito sensíveis à questão pós-moderna e à crise da ideia de verdade histórica. Trata-se de um problema real. Todavia, o perigo do relativismo ético impregna, igualmente, a leitura impessoal da história. Esse ponto foi evidenciado por Isaiah Berlin em sua polêmica com Edward Carr a propósito do conceito de inevitabilidade histórica (BERLIN 1988). Berlin escreveu que, a partir do momento em que deixamos de lado as motivações pessoais, podemos admirar ou temer, abençoar ou amaldiçoar Alexandre, César, Átila, Maomé, Cromwell, Hitler, como nós admiramos, tememos, abençoamos ou amaldiçoamos as inundações, os terremotos, os pores do sol. Uma vez que nós tenhamos desertificado, completamente, o passado, que não haja mais indivíduos, nem escolhas, a dimensão ética da reflexão histórica desaparece.

12. *FHL: A sua reflexão acerca da biografia e em torno da biografia modificou sua ideia sobre a compreensão da história?*

Sabina Loriga: Sim, muito. Não sei se consegui expressar o quanto essa experiência modificou-me. É uma das dúvidas que tive *a posteriori* em relação ao meu livro. Eu sei que, ao escrevê-lo, mudei muito, porém não sei se fui

capaz de reconstituir tudo aquilo que pude compreender durante essa experiência. Ela me deu, ao mesmo tempo, um sentimento de liberdade e de limitação. De liberdade, porque, graças a ela, pude ultrapassar as duas utopias sobre as quais falei no início de nossa conversa, a da representatividade e a naturalista. Eu poderia dizer que, graças a Humboldt e a Dilthey, compreendi que, para o historiador, a questão não reside nem no geral, nem no particular, mas sim em sua conexão. A saber, que a história é um conhecimento hermenêutico, pautado sobre a circulação, não obrigatoriamente viciosa, entre as partes e o todo. O saber geral só pode ser construído através da compreensão dos elementos singulares. No entanto, eles estão longe de oferecer a possibilidade de uma leitura direta. O entendimento integral do particular supõe sempre o conhecimento do geral sob o qual ele é compreendido. Entre os dois elementos – o singular e o geral – há uma relação de construção e de compreensão recíproca. Mas a reflexão sobre a historiografia do século XIX foi também um trabalho sobre os limites do conhecimento histórico, uma maneira de fazer o luto da ideia de “ressurreição do passado”. Só podemos ter acesso ao passado de forma indireta, através das imagens, necessariamente, fragmentárias e inacabadas. Desse ponto de vista, o trabalho da história é interminável e, perpetuamente, aberto. A dúvida é intransponível.

13. *ABS: Quais são os seus projetos futuros?*

34

Sabina Loriga: Tenho dois projetos diferentes. De um lado, no plano individual, comecei uma pesquisa sobre as transformações da “arquitetura temporal” na segunda metade do século XIX. Longe de ser um fenômeno neutro, o tempo permanece sempre uma chave essencial da confrontação política e cultural, quer se trate das formas de escandi-lo, das maneiras de concebê-lo, dos regimes de temporalidade. Isso é ainda mais verdadeiro durante esse período, no curso do qual uma série de processos de intensidade diversa submeteram o indivíduo a uma disciplina temporal. A mecanização do trabalho na usina, que induziu uma regulamentação mais restrita do tempo (a começar pela divisão entre o tempo do trabalho e o tempo livre e, em seguida, o tempo para si mesmo), e a cronometragem (com a injeção da precisão do horário e a atribuição de cada uma das sequências temporais a uma atividade designada) foram objetos de numerosos estudos.

Eu estou mais interessada na padronização e na globalização progressiva do tempo, realizadas com a introdução do *Standard time*, que estabeleceu o atual sistema dos fusos horários centrado sobre o meridiano de Greenwich. Trata-se de um fenômeno maior da “política do tempo” (depois da invenção do relógio mecânico no século XIV), porque o tempo-mundo dominou uma miríade de tempos locais. Poderíamos dizer que um grande tempo único envolveu toda a realidade. Essa nova organização institucional do tempo não é, de forma alguma, politicamente neutra. Fortalecida por sua função de integração e de coordenação, teve um papel hierarquizador nas relações sociais e nas relações entre os Estados e as áreas culturais.

De outro lado, há dez anos, eu ministro, com Olivier Abel e outros colegas, um seminário que visa a estabelecer um diálogo entre os filósofos e os historiadores. Nossa reflexão comum começou em dezembro de 2000, quando organizamos um colóquio em torno do livro de Paul Ricoeur, *A memória, a história, o esquecimento* (RICOEUR 2007). Em seguida, aprofundamos esse diálogo convictos de que o passado não diz respeito apenas aos historiadores, que não pode ser um objeto monopolizado por eles e que é indispensável interrogar, conjuntamente, a dimensão ética da relação com o passado, porque é uma condição do elo social e, ao mesmo tempo, da dissensão cívica.

No quadro desse projeto coletivo, criamos um ateliê internacional sobre os usos públicos do passado. Nosso programa de pesquisa funda-se, em particular, sobre três considerações complementares. A primeira diz respeito ao que poderíamos chamar de *geografia dos negócios*. Parece-nos essencial ir além da dimensão nacional e considerar as formas de internacionalização, e mesmo de globalização. A segunda consideração trata da disposição do *espaço público*. As reflexões recentes sobre as utilizações políticas do passado foram, frequentemente, marcadas pela nostalgia de uma pretensa "idade de ouro" (sem dúvida, largamente, superestimada) na qual o passado teria sido reservado apenas aos historiadores. Seria conveniente ultrapassar esse ponto de vista e promover meios de analisar os processos de comunicação e as transformações contemporâneas do espaço público. A última consideração diz respeito à confrontação com *outras formas de conhecimento do passado*. Parece-nos que seria útil considerar, de maneira mais sistemática, outros vetores da memória social, tais como a literatura e o cinema. A fim de ter um espaço de reflexão comum, concebemos um *web site* que foi colocado na rede em novembro de 2010.⁴

Temos, igualmente, a intenção de organizar, anualmente, duas ou três jornadas de estudos sobre um tema específico. O título das jornadas previstas para junho de 2012 é: *La question du trauma dans l'interprétation du passé*. O conceito de trauma, ou de traumatismo, que sempre foi central no seio do aparelho teórico da psicanálise, aparece, cada vez mais, fora do campo clínico nas tentativas de transmitir a experiência dos sobreviventes assim como das vítimas indiretas das experiências dos genocídios do século XX. Aceito pelas ciências sociais, o conceito de trauma alimenta, igualmente, numerosos textos literários assim como obras de arte. Sem dúvida, tornamo-nos mais sensíveis à maneira como alguns acontecimentos históricos perturbam, gravemente, as capacidades de simbolização dos indivíduos, atacando a capacidade de pensamento deles. No entanto, ao se evidenciar, rapidamente, as ocorrências recentes nas ciências sociais, temos, às vezes, a impressão que utilizamos a noção de trauma (assim como os termos que lhe são, massivamente, ligados: vítima, luto e resistência) como se ela fosse portadora de sua própria explicação. Não teria ocorrido um processo de ampliação impreciso do termo, uma espécie de banalização? A fim de abordar essa questão, haverá uma série de

⁴ Cf.: <http://ehess.dynamiques.fr/usagesdupasse>

apresentações sobre diferentes situações sociopolíticas contemporâneas (Argélia, Ruanda, Guatemala, Camboja etc) em que a questão do trauma intervirá como um problema coletivo sob o ponto de vista do passado. Dentro dessa mesma perspectiva, consideramos a possibilidade de nos interrogar acerca das formas artísticas de expressão ou de tradução do trauma.

Referências bibliográficas

- BERLIN, Isaiah. De la nécessité historique. In: _____. **Éloge de la liberté**. Paris: Calmann-Lévy, 1988.
- BOURDIEU, Pierre. L'illusion biographique. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, vol. 62/63, p. 69-72, juin, 1986.
- CARLYLE, Thomas. **Les Héros**. Paris: Maisonneuve & Larose; Paris: Éditions de Deux Mondes, 1998.
- DAVIS, Nathalie Zemon. **Le retour de Martin Guerre**. Préface de Carlo Ginzburg. [Paris]: J'ai Lu, 1983.
- DELACROIX, Christian. Linguistic turn. In: _____ et al (dir.). **Historiographies I: concepts et débats**. Paris: Éditions Gallimard, 2010, p. 476-490.
- GINZBURG, Carlo. **Le fromage et les vers: l'univers d'un meunier du XVI^e siècle**. Trad. Monique Aymard. Paris: Flammarion, 1980.
- LORIGA, Sabina. L'épreuve militaire. In: LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude (dir.). **Histoire des Jeunes en Occident**. Paris: Seuil, 1996a.
- _____. In: REVEL, Jacques. **Jeux d'échelles: la micro-analyse à l'expérience**. Paris: Gallimard; Paris: Éditions du Seuil, 1996b, p. 15-36.
- _____. Ser historiador hoje. Tradução de Eliane Cezar. **História: debates e tendências**, vol. 4, n. 1, julho 2003a, p. 23-35.
- _____. Entrevista com Sabina Loriga: a história biográfica, realizada por Benito Bisso Schmidt em junho de 2002. Tradução de Benito Bisso Schmidt, revisão de Flávio Heinz. **Métis: história e cultura**, vol. 2, n. 3, jan./jun. 2003b, p. 11-22.
- _____. **Soldats: un laboratoire interdisciplinaire: l'armée piémontaise au XVIII^e siècle**. Paris: Les Belles Lettres, 2007.
- _____. A imagem do historiador, entre erudição e impostura. In: PATRIOTA, Rosângela; PESAVENTO, Sandra Jatahy (orgs.). **Imagens na história**. São Paulo: Hucitec, 2008.
- _____. La tâche de l'historien. In: OLIVIER, Abel; ASKANI, Hans-Christoph; CASTELLI-GATTINARA, Enrico et al. **La juste mémoire: lectures autour de Paul Ricoeur**. Genève: Labor et Fides, 2006.
- _____. **Le Petit x: de la biographie à l'histoire**. Paris: Éditions du Seuil, 2010a.

_____. A tarefa do historiador. In: GOMES, Angela de Castro; SCHMIDT, Benito Bisso (orgs.). **Memórias e narrativas (auto)biográficas**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas; Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2010b, p. 31-45.

_____. **O pequeno x**: da biografia à história. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

_____. O eu do historiador. **História da Historiografia**, nº 10, dezembro 2012. No prelo.